

ONOMÁSTICA DA ACADEMIA (*)

RAIMUNDO GIRÃO

A falta de assunto fêz o assunto desta palestra enche-tempo, a que me obriga a pauta das falações mensais da Casa.

Na verdade, não tinha no momento sôbre que falar; e, assim, de pronto resolvi dissertar, despreziosamente — já se vê — durante alguns minutos, dêsses que se transformam em horas quando a matéria da dissertação é aguada e insulsa. A matéria, em si, pela sua curiosidade, poderá, entretanto, fornecer algum interêsse ao falatório.

É da Antroponímia dos companheiros de Sodalício que me ocuparei, sem eruditismo, que não possuo e que seria incompatível com a singeleza e cordialidade das nossas sessões costumeiras.

Assunto vasto. O filólogo português J. Leite de Vasconcelos escreveu sôbre Antroponímia um volume de mais de 700 páginas e não logrou ferir talvez 5% do acervo lingüístico relativo aos *nomes próprios*, por onde se vê que, despercebido e despercebido, entrei em denso cipoal.

Como se sabe, tôdas as coisas têm um *nome* que as individualiza e serve para fixá-las no espírito humano em suas múltiplas relações de pessoa a pessoa. *Mesa*, por exemplo, dá-

(*) Palestra proferida em sessão ordinária.

-nos idéia de um objeto móvel, *casa* de um imóvel, *cavalo* de um animal, *palmeira* de uma planta, *ouro* dum metal, *bondade* duma virtude, *saudade* dum sentimento.

As pessoas, como é lógico, também possuem *nome* que as indica ou substantiva: Antônio, Maria, Borromeu, Melquisedec. Chama-se *nome próprio* a essa designação e, como todo vocábulo, o nome próprio tem explicação de como se originou, qual o motivo do seu emprêgo, como se alterou, no mais das vêzes, em sua evolução, até receber a forma atual.

A Glotologia é a ciência que estuda a linguagem humana. Ela dedica um dos seus capítulos ou ramo de pesquisas aos nomes próprios, denominando-o *Onomatologia*, a qual se divide em *Toponímia*, quando estuda os nomes próprios de lugares: Brasil, Ceará, Fortaleza, Morada-Nova, etc.; *Antroponímia*, quando o faz em atinência aos nomes de pessoas: Joaquim, Ana, Carlos, etc.; e *Panteonímia*, quando encara os nomes próprios de astros, ventos, animais, sêres sobrenaturais: Sol, Bucéfalo, Hércules, etc.

A Antroponímia é que nos vai agora interessar, de modo infelizmente muito restrito em seu desenvolvimento, porque limitada a nossa preocupação aos nomes próprios dos senhores Acadêmicos, à sua *Onomástica*, ou seja, à catalogação dos seus designativos pessoais.

De modo amplo, podemos dizer que a palavra *nome*, aplicada a uma pessoa, mostra vários elementos constitutivos: a) o nome próprio, batismal, nome-de-pia como se costuma dizer, o prenome, que ora contém um único termo — Antônio, por exemplo — ora está ligado a outro — Antônio Augusto, v. g.; b) o nome completo, com todos os seus constituintes: Raimundo Renato de Almeida Braga; c) o nome de evidência, diremos nome social ou intelectual, pelo qual a pessoa é mais conhecida: Renato Braga; e o sobrenome, apelido ou nome de família, genealógico, transmitido ordinariamente de geração a geração: às vêzes um só — Almeida, às vêzes mais de um: Almeida Braga.

Ainda poderá apresentar-se o nome próprio acompanhado de alcunha: D. Manuel, o Venturoso; Carlos, o Temerário;

Maria, a Louca, não sendo de esquecer, para a identificação da pessoa, os hipocorísticos — nomes de sentido mais familiar, afetivo ou carinhoso: Dedé, Tônico, Manduca. Ocorrem, igualmente, os pseudônimos e os nomes-de-guerra (criptônimos), os primeiros ocultando ao conhecimento geral o verdadeiro nome — processo a que recorrem comumente os intelectuais: Filinto Elísio, Tristão de Ataíde, Alba Valdez, João do Norte, por exemplo; e os segundos, de caráter um tanto maçônico, arbitrário, objetivando um disfarce, como entre nós foi pôsto em voga pelos sócios da Padaria Espiritual: todos os Padeiros eram obrigados a dotar nomes-de-guerra: Moacir Jurema, Bruno, Jaci, etc.

O nome completo ou nome por extenso, a que alguns gramáticos chamam expressão personativa, forma-se, via-de-regra, do *prenome*, do *sobrenome* e às vezes do *apelido*. Aquêle, designação individual em si, que começa no batismo, ou no registro civil, geralmente dado nos primeiros dias após o nascimento. Na antiga Roma, os meninos recebiam o prenome no oitavo dia e as meninas, no nono dia. Tal dia era comemorado com um sacrifício votivo — *lustratio*. O sobrenome é o segundo ou, às vezes, o terceiro termo do nome completo, sendo apôsto ao prenome para diferenciar pessoas do mesmo prenome: Braga, Cavalcante, Gomes, etc.

Antigamente, o sobrenome era patronímico, para mostrar a procedência do descendente em relação ao ascendente: em latim, Martinici era filho de Martinus, Rodriguici, era filho de Rodrigues, Petrici era filho de Petrus. O sufixo *ci* traduzia essa ligação filial-paternal, ao mesmo passo que havia outras diferenciações quanto ao grau de parentesco, tais como Sênior (mais velho), Júnior (mais moço), Pai, Filho, Neto, Sobrinho, Primo, etc. Entre nós da Academia: Martins Filho, Cruz Filho, Carlos Studart Filho, Pompeu Sobrinho, Sidney Neto.

Em sua viagem semântica, os nomes ou substantivos, como quaisquer palavras, sofrem naturais alterações, morfológicas, fonéticas e de sentido, evidenciadas estas pela etimologia. Exemplo muito citado é do vocábulo *hospitalis*, em latim, que significava “o que dá hospedagem” e se transformou em hos-

pital, significando “casa de enfermos”. Hóspede, originariamente, era o que dava hospedagem, mas depois passou a ser o que se hospeda. Para indicar a casa que oferece hospedagem, o português adotou a palavra *hotel*, por intermédio do francês, derivado também de *hospitalis*.

Outros exemplos têm-se em *estro* e *cálamo*. *Estro*, do latim *æstrum*, era o designativo de um inseto, provavelmente a nossa motuca — o tavão —, que desesperava os cavalos, fazendo-os disparar, com as suas incômodas picadas; à luz da etimologia, o *estro* é, pois, o “desembestar do poeta”, a sua força de inspiração. *Cálamo*, em priscas eras, denominava, restritamente, o talo do trigo que, não raro, se quebrava e caía ao chão nos momentos de tempestade; ocorria, então, a calamidade, que, de têrmo simplesmente agrícola, evoluiu para maior amplitude semântica.

Com os nomes próprios verifica-se fenômeno semelhante: a palavra latina *Claudius* deu, em Portugal, coxo (daí o verbo claudicar) e Cláudio, nome próprio, só eventualmente aplicado a algum perneta.

Não raro a aceção primitiva se perde e o nome não lembra mais o que foi. Fossiliza-se, perde a “alma” ou vero sentido, como se tem dito. Por exemplo: Tomás (a mesma coisa Tomé) que, em hebraico, significava “gêmeo”, noção de todo esquecida, pois o nosso Tomás — o nosso admirado e admirável Presidente de Honra — nasceu solitário, sem o acompanhamento de outro ou de outros, de *supplantavit*, como diziam os romanos.

Noutros casos, a palavra originária sofre interdição eufemística e ficam apenas as derivadas, como se deu com os derivados cueca, cueiros, recuo, acuar, etc., cuja origem ou principal se retraiu para uma espécie de monopólio profissional de certos médicos — os protologistas.

Em harmonia com os determinantes do processo semântico — tempo e espaço — essas inibições quanto ao uso de algumas palavras podem ter caráter meramente temporário ou regional. No primeiro caso, estão o verbo cunhar (no latim *cuneo* — *cunare*), por cujo ocasional sentido degradado é res-

ponsável a curiosa gênese das palavras portuguesas conosco e convosco; e o adjetivo corno, palavra de elevado sentido em certa época (cf. cornucópia, corneta). No que respeita às alterações de sentido no plano regional, bastará mencionar as acepções inversas das palavras moça e rapariga, em Portugal e no Brasil.

Pode acontecer que o desaparecimento da palavra primitiva seja somente em parte. O exemplo clássico é o dos dias da semana, dedicados: segunda-feira à Lua (*dies Lunæ*), terça-feira a Marte (*dies Martis*), quarta-feira a Mercúrio (*dies Mercurii*), quinta-feira a Júpiter (*dies Jovis*) e sexta-feira a Vênus (*dies Veneris*). A transformação fonético-morfológica produziu: no espanhol: Lunes, Martes, Miercoles, Jueves, Viernes, em que *dies* não se representa senão pelo *s*.

No francês: Lundi, Mardi, Mercredi, Jeudi, Vendredi, nas quais do componente *dies* resta a partícula *di*. No italiano, quase a mesma coisa que no francês: Lunedì, Martedì, Mercoledì, Giovedì, Venerdì. Tais denominações, honrando entidades pagãs, foram condenadas pela Igreja, mas só Portugal, essencialmente católico, aceitou a substituição, chamando feiras àqueles dias. Feira vem de *Ferix* do latim, “dia festivo”, de orgia pagã, donde “feriado”. Aplicado aos dias semanais — *ferix* passou a significar feira ou mercado, denominando exatamente os dias de fazer, os dias úteis.

Os dias de fazer em nossa Academia são muito poucos, um em cada mês, ficando apenas vinte e nove ou trinta para o repouso, infelizmente, até agora não remunerado, à falta duma reivindicaçãozinha perante a nossa liberalíssima Assembléia Legislativa, ou a Câmara de Vereadores.

Mas, em compensação, naquele dia de trabalho, como hoje, os 40 movimentam-se, não há dúvida; porém, como vivem ocupados noutros misteres, acabam não comparecendo às sessões, salvo alguns recalcitrantes que comumente não falham. Nem que sejam três ou quatro.

Dêses 40, coincidentemente, todos têm nome próprio (não encontrei, em relação a eles, nenhum de nome impróprio), com prenome, sobrenome e tudo, a começar pelo nosso

Presidente de Honra, que o usa estiradíssimo e solene: Tomás Pompeu de Sousa Brasil Sobrinho, sem ao menos pensar no que seja, etimologicamente, cada qual dos vocábulos formadores.

- Como ficou visto, *Tomás*, em aramaico, era “gêmeo”, e *Pompeu* na língua do Lácio era o “quinto” (filho), igual a “quintus”, donde veio Quintino. Do eóleo, dialeto grego, originado de *pomp* (cinco), que igualmente deu Pompílio e Pôncio. Pompeio ou Pompejus, em latim. *Sousa* é um topônimo, rio e vila em Portugal, a princípio Sausa ou Socia, derivada a palavra de *saxa*, seixos, no latim. São chamados antroponímicos êsses apelidos muito encontradiços ligados ao lugar de proveniência das famílias que os adotam, como sejam os Bragas, os Guimarães, os Coimbras; *Brasil*, nome da madeira que acabou se estendendo ao nosso País etc. Portanto, o nosso grande sábio nenhuma atenção dá para estas significações mortas dos nomes do seu nome, e somente o agnome *Sobrinho* é que estará mais à mente, lembrando-lhe a qualidade homônima de filho do irmão de seu pai. Sobrinho é transformação de *conso-brinus*, isto é, entre os romanos, o filho da irmã, porque o filho do irmão era *patruelis*, de *patrus*, *i* tio paterno. Na realidade, o nosso Tomás é filho de irmão do seu homônimo Tomás Pompeu de Sousa Brasil, o Patrono desta “Casa de Tomás Pompeu”.

Depois dêle, o Presidente de Fato — Raimundo Renato de Almeida Braga. De modo idêntico, estou a jurar que não se apercebe de que, pelo seu prenome, êle é o “protetor do Conselho”, o que protege por meio de conselhos, de *mund*, proteção e *ragin*, conselho, formando Raginmund no alto alemão antigo. Reimund no alemão moderno, Raimondo no italiano, Raymond no francês. No português saíram as formas Reimundo, Regimundo, Reimom, que acabou em Reimão. Ambas, através do latim *Raimundus*. *Renato* é a conseqüência portuguesa do participio latino *renatus*, renascido, isto é, regenerado pelo batismo. Renado, no português antigo. René em francês. *Almeida*, topônimo antroponimizado: do árabe *al* (adjetivo articular), e *meida*, mesa, ou, no sentido geográfico, campo

plano, planalto. É vila de Portugal, sede do Conselho de Guarda. Tal qual *Braga*, cidade de renome, antigamente Brácara — Augusta, urbe dos Brácaros, povo ibérico, habitante do norte do Douro. Brácara gerou Braga, por via do abrandamento Brá-gara. Almeida Braga (Gentil Homem de) foi poeta brasileiro do século passado, escondido no pseudônimo Flávio Reimar, autor de “Sonidos”, cheio de versos “delicados e graciosos”. Almeida foi Garrett e foi Felinto, o vate brasileiro nascido n’O Pôrto, em Portugal.

Raimundo, aqui na Academia, também sou eu, sem pretensões a proteger ninguém conselheiralmente, mas com o prenome agarrado ao sobrenome *Girão*. Por extenso, assinar-me-ia Raimundo Cavalcânti Carneiro de Sousa Girão, reduzido pela preguiça ou espírito prático a Raimundo Girão. Pelo menos, não me chamarão de ladrão de cavalos... O meu sobrenome individua várias coisas: é seção dos escudos heráldicos, ou, mais precisamente, o triângulo regular ou equilátero cujo vértice ocupa o centro do escudo; é retalho de pano e debrum ou orla de vestuário; é ripa ou sarrafo e, figuradamente, seio, regaço. Geograficamente, é um cabo, na Ilha da Madeira. O antropônimo tem origem espanhola — Girón; todavia, desde o século 16, os Girões enchem Portugal, como já estão enchendo o Ceará, a partir dos inícios do século passado.

Braga também é o Braga Montenegro, com o prenome Joaquim, que era, por igual, o do pai da Virgem Santa. *Joaquim* é composição de *Ilhoa*, Jeová e *khin*, verbo: eleva ou realiza, segundo uns ou, segundo outros, de *Ilhoa+qim*, o que fez parar o sol. *Montenegro* contração de Monte Negro, solar espanhol que se estendeu a Portugal. Primitivamente, região eslava, nos Balcões, onde existiu o reino de Montenegro, hoje parte da Iugoslávia.

Com tal sobrenome atende *Abelardo Fernando*, escritor prolífero, como é a abelha, em francês *abeille*, a que se juntou o sufixo alemão *hard*: Abeillard, enfim Abélhard, “colmeia”. *Fernando* resultante do germânico Fridenand, valente, protetor: de *fride*, protetor e *nand*, audaz, corajoso. Latinizou-se em Fredennandus e, por último, veio a ser Ferdinando, Fer-

nando, pela metátese do *r* e síncope do intervocálico. Registe-se a forma — Fernão, composição mais popular.

Patronímico de Fernando é, como sabemos, Fernandes, transformação do latim *Fernandici*. Dêsse sobrenome utiliza-se o Acadêmico Dr. Manuel do Nascimento Fernandes Távora, nome ilustre da nossa Medicina e da nossa vida político-social. Completado pelo agnome Távora, do latim *Tabora*, um topônimo (rio afluente do Douro, Portugal); linhagem ilustre da terra lusa, os Távoras.

Manuéis há mais dois no elenco acadêmico: Manuel Antônio de Andrade Furtado e Manuel Albano Amora. Na outra academia, a de Direito, o primeiro catedrático e o segundo seu assistente. Manuel é aférese de Emanuel, que era o prenome de Jesus: do hebraico *emmanu* (conosco) e *El* (Deus) — Deus conosco.

Andrade é sobrenome de antecedente nobre, e provém do grego “andródes”, viril, robusto, corajoso, tal como provém André, nome do apóstolo irmão de S. Pedro. Explicar-se-ia por um genitivo medieval — *Andriati*. Saliente-se a forma sincrética *Andrada*, a estirpe dos varões ilustres do 1º Império — os *Andradas*, e *Silva*. O daqui, porém, é da estirpe dos *Furtados de Mendonça*. *Furtado* foi apelido: no século XIV houve um *Roy Fernandez*, dito o *Furtado*, isto é: o filho “furtado” ou não legítimo. Semelhante a “parto furtado” ou parto oculto, encoberto. Procedem os *Furtados de D. Urraca*, rainha de Castela e Leão, filha de Afonso VI. Uniram-se aos *Mendonças* e espalharam-se pelo mundo, chegando a *Quixeramobim*, onde nasceu Manuel Antônio, mas legítimo, indiscutivelmente legítimo.

Do outro Manuel os sobrenomes são: um gentílico — Albano, de *Albanus*, latim, do adjetivo *albus*, branco, ou, talvez, melhor, de *albanus*, natural de Alba Longa, antiga cidade do Lácio; o segundo, antroponimização do substantivo comum amora, fruto da amoreira-preta (*morus nigra*, Lin) muito doce, diferente da branca (*morus alba*, Lin.), cuja fôlha serve de precioso alimento para o bicho-da-sêda.

Relacionado a Alba, vem logo à baila *Alba Valdez*, pseu-

dônimo da Acadêmica, Professôra Maria Rodrigues. A camuflagem literária venceu o nome verdadeiro e já ninguém a conhece por êste. Penso que nem ela. Além de topônimo da antiga Itália, o vocábulo indica em latim, como substantivo, uma pedra preciosa e, como adjetivo, a qualidade de alvura, clareza. Nome de mulher muito espalhado. Valdez, informam os lexicógrafos ser sobrenome de proveniência asturiana e de caráter geográfico, cidade da Espanha.

Alba Valdez é a mais antiga do naipe mulherino da Academia, seguida de Henriqueta Galeno e Cândida Maria Santiago Galeno, tia e sobrinha. *Henriqueta* é feminino de Henrique, aportuguesamento do italiano Enrichetta ou do francês Henriette. Henrique teria vindo do alemão Haganrich (rich, senhor, possuidor, e *hagan*, do couto, terra privilegiada). Latinizou-se em Henricus, dando no italiano Enrico, no francês Henri, no espanhol Enrique. Galeno, nome do célebre anatomista grego, de Pérgamo. Dá-se Galenós, como derivado de *galéne*: tranqüilidade, quietude, serenidade.

Cândida Maria. Prenome composto. Cândida, feminino de Cândido, alvo, puro, branco. Do latim *Candidus*, donde *candidatus*, candidato, porque se vestiam de branco, querendo com isso mostrar públicamente as suas puras intenções, os pretendentes a cargos eletivos. O diminutivo Candinha faz lembrar a mãe de filhos terríveis... Maria, em semítico — “senhora ou soberana”, correspondendo ao hebreu Miriam, tal como no árabe e na língua etíope. Universalizou-se o nome do Ocidente por ter sido o da Santa Mãe de Deus. Tão suave e terno que se desdobra numa infinidade de hipocorísticos: Maroca, Marocas, Marica, Maruxa, Mariinha, Maricota, Marieta, Marizita, Mariazinha, Mariquita, Mariquinha, Marizot, Marizete, Marilita, Marília, Mariô, Mariá, Marisa, Marita. Santiago decompõe-se em Santo Iago. Por mais que não se acredite, Iago vale Jacó ou Jacobo, nas origens. Forma divergente do hebraico Iakob, via latim Iacobu. Questão simplesmente de deslocação ou metástole do acento tônico: para a última sílaba — Jacó; conservando-se na primeira — Iago.

Mas, antes dos Manuéis encontram-se os Joões e os Josés,

prenomes que representam séria inflação em tôdas as listas alfabéticas de nomes de pessoas. Joões, Acadêmicos, são 3: João Clímaco Bezerra, João Perboyre e Silva e João Otávio Lôbo. José, 4: José Valdevino, José Waldo Ribeiro Ramos, José Vicente Sidney Neto e José da Cruz Filho.

João é do hebraico Jehoknanan, “graças a Deus”. “João quer dizer graça”, disse Vieira num de seus sermões. Evolveu para Hokhanan e daí para o latim Joannes — Ieho, Jeová + Khanan, cheio de graças. Jeová misericordioso, em resumo. No italiano fixou-se em Giovanni, no francês Jean, no inglês John, no alemão Iohann ou Hans, em português João. Em russo veio dar Ivan. Afamou-se o nome pelos santos — o Batista Precursor e o Apóstolo Evangelista. Joões foram 23 Papas, inclusive o grande atual, admirável Padre. Outros santos foram Joões e inúmeros reis. *João Clímaco* é prenome composto, como *João Perboyre*. Clímaco, em latim *climax*, significa “escada do céu” e serviu para individuar um santo, doutor da Igreja, que escreveu obra com êsse nome. Bezerra, do espanhol *becerra*, feminino de *becerro*. Silva, latim (selva em português). De fonte castelhana — Solar de Tôrre de Sylva, família nobre de Espanha. No Brasil é a mais plebéia, talvez, pois Silva é quase todo mundo. A expressão “da silva” é reforçada na linguagem popular: “completinha da silva”. Mas, afinal, silva vale outra cousa: plantas, composição lírica mais tipicamente espanhola, miscelânea literária ou científica, e até cilício de arame!

João Otávio Lôbo tem na estrutura antroponímica o cardinal latino Octavius, o oitavo filho, sem que o tenha sido, e o substantivo comum *lupus*, *lupinus*, muito apreciado na idade média, como alcunha.

Quanto aos Josés, nem se contam, no meio de tantos o protetor dos casados, o Padroeiro do Ceará, o pai putativo de Jesus. Nos começos bíblicos, está o filho de Jacó e Raquel, vendido pelos irmãos e levado para o Egito, onde se glorificou. Etimologicamente, é o hebraico Iesseph: “Deus aumente”, “acréscimo do Senhor”. Josephus em latim, donde José em

português e espanhol, Joseph em francês e Giuseppe em italiano.

Prenome assim tão santificado, aliado à santificada Cruz, deu paradoxalmente o mais ferrenho dos agnósticos — o nosso Cruz Filho, poeta como que mais o seja, em concepção e forma. E mais se acentua o paradoxo ao considerarmos que o seu nome inteiro é José Cordeiro da Cruz Filho, onde figura o apodo Cordeiro, borrego do latim *chordarius*, derivado de *chordus*, o que nasce retardado). Também *Agnus, i*, de que resultou anho em português. *Agnus Dei* (Cordeiro de Deus) expressão com que se costuma exprimir a bondade e mansuetude do Nazareno.

Também poeta, o José Vicente, o Neto, bem como o Valdevino (corrução do nome do herói Balduino), com o agnome de Carvalho. Sidney é roupa inglesa do nosso Sidônio. Ribeiro e Ramos são substantivos comuns elevados à categoria de antropônimos.

Carvalho por sua vez é o Jáder (rio na Ilíria, da bacia adriática), que junta ao nome outra árvore — Moreira, aférese de amoreira, já apreciado. Povoação em Portugal. Quanto a Carvalho, em documentos antigos Carvália, a melhor hipótese é a de que seja de origem geográfica, aparecendo desde o século 12. A árvore, em latim, era *quercus* ou, melhor, *quercualius*. Botânicamente, é uma das cupulíferas.

Outro de sobrenome de madeira é Luís Sucupira, de cêpa dos Cavalcantes. Sucupira é planta brasileira de denominação tupi; uma leguminosa, de lenho muito disputado na carpintaria. Luís é adaptação do francês Louis, (no inglês Lewes e Lewis; no italiano Luigi), derivado do alemão Ludwig (*wig*, guerreiro, e *lud*, famoso, célebre), que por seu turno saiu do antigo franco Chlodowech. Gerou também Ludovico, através da latinização Ludovicus ao lado de Lotichius), e Clóvis e Clodoveu, através de Clodovicus.

Consagüíneo de Clodovicus é Clodoaldo, na forma Iclodowald “o que governa com fama” (*wald*, governar e *clodo*, afamado). Chefe célebre, em suma, como é nosso Clodoaldo, no Direito Penal, entre nós. Pinto é alcunha integrada como so-

brenome. Do latim *pinctus*, pintado, ao lado de *pictus*, nasalado por influência de *pingere* e de *tinctus*, de *tingere*.

Ainda faltam os Antônios, que são dois, e os Franciscos, igualmente dois. Antônio Filho e Antônio Filgueiras Lima; Francisco (Fran) Martins e Francisco de Meneses Pimentel. Antônio, do latim Antonius, ficando em português Antônio e Antão, éste antigamente Antom. Para o latim veio do grego Antónios. De ascendência helênica era a *gens Antonia*, reputada em Roma. Filho de Hércules era Anton, derivado de *antéo* ou *antão*, significando opor-se, fazer frente. Ambos os nossos são, de fato, homens de vanguarda: o Martins na direção da Universidade e o Filgueiras dirigindo colégios e o Parnaso, com as suas eloqüentes estrofes. *Martins* é filho de Martinus. Martinici modificou-se em Martinz e afinal em Martins, substituído o z pelo s. Só o Martinz de Aguiar, o Filólogo conterrâneo, o conserva com o z. *Filgueiras*, antigamente Felgueiras, nada mais diz que o lugar onde há felgas, árvores com raízes expostas, muito apresentadas na província do Minho; ou espécie de feto, conhecido por dentebrura. Teria surgido do latim "filicaria". Filgueiras é vila em Portugal.

Dos Franciscos, um reduziu-se espontâneamente a Fran, retirando o "cisco" do nome e pondo-o nos seus romances, como perversamente disse certa vez o defunto Antônio Furtaido. O étimo é germânico: Frank, acrescido do sufixo *isk* — Frankisch, franco ou francês. Latinizado em Franciscus, deu Francisco em português, Francesco em italiano, François em francês, Francis em inglês.

O outro, antigo mestre de Direito e hoje senador da República, não tirou o cisco. Antes, uniu o seu nome de batismo ao gentílico Meneses, plural de *menês*, que era o natural de Mena, topônimo da Espanha, o vale dum rio ao norte de Burgos. O agnome Pimentel é outro topônimo, porém italiano, adotado como alcunha, pela qual foi conhecido um certo Petrus Martini, conforme documento de 1252. Há opinião diferente, baseada na informação de que o primeiro a usar da alcunha teria sido o moço fidalgo Vasco Martins de Moraes, dada por Afonso III, em vista de sua esperteza e alacridade

de ânimo. Bem diferente, portanto, do nosso calmo e sereno professor e político.

Carlos Studart Filho, mais genealógicamente — Carlos Guilherme Gordon Studart Filho, é dos Carlos de importância e mérito, este cioso de sua origem britânica pelo sangue e teutônica pela explicação etimológica. O prenome tem avoengo no antigo alemão *Kharal*, homem, varonil, vigoroso, transmudado no latim em *Cárolus*. *Carlos* há sido muita gente, e boa. Desde Carlos Magno ou Carlos I, rei dos francos e imperador de vasto império do Ocidente. Conquistador invencível, tornou-se célebre pelas suas vitórias e pelo tamanho do pé, de 33 centímetros, que acabou medida linear universal. Também Carlos inconfundível foi o Martel, que esmagou, como se fôra um martelo, os sarracenos em Poitiers, salvando assim a civilização cristã. Carlos, foram reis de várias nações e de vários tipos — Carlos, o Calvo, de França; Carlos, o Mau, e Carlos, o Nobre, ambos de Navarra; Carlos, o Temerário, de Borgonha; Carlos Manuel, o Grande, de Sabóia; Carlos João, o Bernadote, Marechal de França e Rei da Suécia; Carlos V, o Grande Renunciante. Studart, sobrenome inglês, que, trazido por John William, enfeitou o Ceará de homens de cultura e de sociedade.

Mário Rômulo Linhares, Joel de Lima Linhares, Josafá de Lima Linhares são da mesma linhagem, os dois últimos irmãos germanos. Família muito espalhada no Ceará e no Brasil. Vale dos Linhares, em Portugal, sendo Linhares plural de linhal, que em português arcaico se escrevia *linhar*, significando área cultivada de linho, seara do linho, planta das *Lináceas*, de cuja fibra se prepara fio de alta qualidade, com aplicação em tecidos disputados. Assim como o fio, tem valor e importância a semente — a linhaça, da qual se extrai o óleo dêsse nome, usado nas pinturas e na farmacopéia. Linho vem do latim *linu* e do grego *linon*. No espanhol e no italiano deu *lino*, em francês, *lin*.

Mário foi notável general romano, sete vezes Cônsul, não tantas quantas há sido o nosso, infatigável no seu consulado dos cearenses, no Rio de Janeiro. Etimologicamente, tem fonte

latina — *marius*, derivado de *mas*, *maris*, macho, viril, varonil. Rômulo, em latim *Romulus*, cognato de Roma ou, provavelmente, do greco *Rhôme*, fôrça, o forte.

Joel é de nascença hebraica: *Joh El*, seu Deus é eterno. Ou: Josafá é Deus, formado de *Iuh* ou *Ioh* (Josafá) + *El* ou *Eli* (Deus). Nada mais que *Elias*, com êsses têrmos invertidos. Em italiano, Gioele; em francês *Joel*. *Josafá*, antes *Josaphat*, igualmente hebreu, com o mesmo elemento *Ioh* (Deus) + *shaphath* (julgou), igual a juízo de Deus. No vale de Josafá, perto do Monte das Oliveiras, estaremos presentes, não se sabe quando, e praza a Jeová não seja tão logo, na hora do Julgamento Final. Lima, fruto da limeira, uma *citrus*, acabou topônimo de um rio de 100 k. de curso, em Portugal; de origem latina — *Limea*, rio do esquecimento, pois que perdia a lembrança das coisas quem o atravessasse. Semelhante ao *Lete*, um dos mitológicos rios do Inferno, cujas águas, bebidas pelas sombras dos mortos, faziam-nas esquecer os males e os prazeres da vida. O escritor cearense Stênio Lopes fêz do Amazonas o Rio do Esquecimento. Há, paralelamente, Lima, capital do Peru, de fonte incaica, cidade fundada por Pizarro, em 1535.

Ao contrário de esquecido, muito lembrado é *Mozart Soriano Aderaldo*, com o seu nome de três prenomes, o primeiro dos quais é homenagem ao genial compositor e dramaturgo *Wolfgang Amadeu*, nascido na Áustria. *Mozart* é o alto alemão *Muothat*, de *muot*, caráter, temperamento + *hart*, duro, forte, donde *hard*, em inglês. *Soriano* é gentílico de *Sória*, vila de Espanha (Castela — a — Velha), admirada pelas suas antigas muralhas e ruínas. *Soria* é também nome próprio e, como substantivo comum, designava uma espécie de burel ou hábito fradesco. O mais afamado dos *Sorianos* foi *Francisco Soriano* compositor italiano, nascido e falecido em Roma (1549-1620). Não tem explicação certa o agnome *Aderaldo*, senão que foi adotado ao tempo dos movimentos nativistas de 1817 e 1824, por elemento da família *Marques*, do Ceará. Dessa família foi o Barão de São Leonardo, que se chamava *Leonardo Marques Brasil*.

Dores, em espanhol Maria de los Dolores. Doloris, genitivo de Dolor, a dor, a pena do corpo e da alma. *Dolor Uchoa Barreira*, o autor da "História da Literatura Cearense", obra portentosa. Uchoa, ou anteriormente Ochoa, resultante do basco *otxo*, lobo, acrescido do artigo *a*. Há quem suponha que é o basco *estoa*, a fôlha. É topônimo espanhol. Barreira, ou barreiro, substantivo comum: lugar de onde se extrai barro, ou: obstáculo, estacada, dificuldade.

Agora, vem *Júlio Barbosa Maciel*, o primoroso vate parnasiano, com o prenome derivado de Julius, em latim — brilhante, luzente. A melhor hipótese é que Julius é contração de Juvilius, genitivo de Júpiter. Outra versão liga o nome ao grego *ouló* + *e*, igual a *U*, o de cabelos macios, ou a Iulus ou Ascanius, filho de Enéias e Creúsa, neto de Vênus. Três papas foram Julius, o segundo deles mecênico protetor de Miguel Ângelo, Bramante e Rafael e o iniciador da Igreja de S. Pedro em Roma. Barbosa, denominação geográfica: lugar onde há barbas-de-bode ou barbas-de-velho, planta ciperácea. Mais aceitável, significando indivíduo de barba longa e ponteagudo no queixo (Aulete). Ou melhor: variedade de pêra, conhecida por grande-alexandre (idem). Maciel, povoação português-a, nome de origem latina: *matianellu*, donde *macianel*, *maciæl*, maciel.

Poeta como o Júlio, porém modernista, o *Artur Eduardo Benevides*. Artur, do celta *art*. (urso) e *ur* (grande), ou *arto* (urso) e *gourios* (nobre, generoso). O semantista Weekley acha que a palavra é anglo-saxã: *Earnthur*. Apresenta-se, mas raramente, sob a forma Arturo. Foi Artur, ou Artus, rei bretão do País de Gales (sec. 6º), de existência contestada e que teria criado a Ordem da Távola Redonda, na Idade Média. Eduardo, do anglo saxônico, deu Éduard em francês. Uma dinastia, na Inglaterra. Benevides ou Benavides, família de ascendência mouro-espanhola. Há, na Espanha, a Vila de Benevides. De par com os Benevides, há os Bonavides, todos remotamente oriundos de "D. João Benevides, justiça maior de Castela, em tempo de el-Rei D. Pedro, que tomou o apelido da Vila de Benevides, de que era senhor".

Hugo Catunda Fontenele, ao contrário, tem sangue francês, dum Fontainelle que veio para o Ceará no século 18. Hugo procede do antigo alto alemão Hugubert, por abreviação. Hugo, pensamento, espírito, razão. Catunda? Topônimo africano, segundo uma tradição.

Por fim, *the last but not the least* — *Adonias Lima* e *Natanael Pegado de Siqueira Cortez*, os dois únicos não cearenses dos 40 mas cabeças-chatas de vivência e espírito. Adonias, equivalente a — meu senhor é Jeová: de *Adoni* + *Iah*. Era filho de Davi e foi mandado matar por Salomão. Adon, fenício, deu Adônis (Senhor). Adônis era belo jovem helênico transformado por Vênus em anêmona, de flôres lindas e aveludadas. Dedicavam-lhe os gregos esplendentes festas — as Adônias. Natanael, pronome bíblico, muito ao jeito do dono, pastor de almas, com a Bíblia às voltas. Do hebraico *El* (Deus) e *nathan* (deu): Deus deu; dádiva de Deus. O sobrenome Pegado é alcunha antiga, como antigo é Siqueira, ou Sequeira, termo geográfico desde o século 16, oriundo de “sequeiro”, lugar sêco, não regado. Cortez, alcunha pela qualidade de gentil, aliás muito própria de Natanael.

Porém muito mais cortês serei eu se terminar aqui essas divagações etimológicas, a que a falta de assunto me arrastou assim tão compridamente, só para dar cumprimento ao imperativo da pauta. Perdoem-me os companheiros Acadêmicos tanta onomástica complicada.